

Transição para o ensino superior dos estudantes provenientes dos países africanos de língua oficial portuguesa: aprendizagens e desafios académicos

Catarina Doutor¹

Natália Alves²

Resumo

A transição para o Ensino Superior afigura-se uma das mais significativas mudanças na vida dos estudantes. É uma transição “desafiadora” (Almeida, Soares, & Ferreira, 1999), na medida em que, acarreta consequências positivas e negativas para os estudantes. Ora, esta questão assume uma relevância acrescida principalmente quando falamos de estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) no Ensino Superior em Portugal. Neste contexto, o principal objetivo consiste em identificar e analisar o processo de transição para o Ensino Superior em Portugal vivido pelos estudantes dos PALOP, especificamente as aprendizagens, os desafios académicos e as estratégias utilizadas para os superar. Para alcançar este objetivo, foram realizadas entrevistas de cariz biográfico a 22 estudantes dos PALOP da Universidade de Lisboa. Com efeito, os estudantes realçam a aquisição de responsabilidade, maturidade e autonomia face aos seus pais. Os principais resultados revelam que os estudantes apresentam alguns desafios académicos porque se deparam com um sistema de ensino diferente do dos seus países de origem com diferentes conteúdos programáticos; algumas dificuldades na língua portuguesa; a falta de orientação nos estudos; a dificuldade em adotarem um novo método de estudo; o desconhecimento da História de Portugal e do contexto português essenciais para a realização de algumas unidades curriculares. A transição para o Ensino Superior é um acontecimento biográfico que coloca aos jovens um vasto leque de desafios de natureza individual, educativa e social. Porém, para os estudantes dos PALOP, este acontecimento assume uma maior complexidade ao implicar o confronto com um conjunto diversificado de transições.

Palavras-chave: transição para o ensino superior, estudantes PALOP, aprendizagem e desafios académicos

1 Introdução

O presente texto faz parte de uma investigação mais alargada no âmbito de um doutoramento em Educação, especialidade Formação de Adultos, em torno das transições, aprendizagens biográficas e mudanças identitárias dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) no Ensino Superior em Portugal.

Em boa verdade, a questão da transição para o Ensino Superior não é, de todo, uma problemática nova na sociedade portuguesa. Aliás, são várias as

¹ Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Portugal, catarinadoutor@gmail.com

² Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Portugal, nalves@ie.ulisboa.pt

investigações desenvolvidas, em Portugal, sobre a transição para o Ensino Superior dos estudantes em geral (Almeida, Soares, & Ferreira, 1999; Almeida, 2007; Araújo et al., 2016; Azevedo & Faria, 2001; Casanova & Almeida, 2016; Jardim, 2007; Seco, 2005) e dos provenientes dos PALOP em particular (Brito, 2009; Cá, 2015; Ferro, 2010; Figueiredo, 2005; Mourato, 2011; Semedo, 2010; Vinagre, 2017). De um modo geral, este último conjunto de estudos focaliza-se nas dificuldades com que se debatem aquando do seu ingresso na universidade. A nossa investigação pretende construir um olhar diferente sobre esse acontecimento biográfico ao considerar que os processos formativos são geradores de transformações identitárias naqueles que nele participam, na senda do que é defendido por autores como Barbier (1996) e Dubar (1997). Concordando com Barbier (1996, p. 22), para compreendermos um indivíduo em formação é importante questionar “sobre as transformações identitárias que ele conheceu através das suas experiências escolares, sociais e profissionais e [também] sobre o significado que atribui globalmente a estas transformações no seu contexto social”.

Neste texto apresentamos os resultados preliminares sobre os desafios académicos com que se confrontam os estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), as estratégias utilizadas para os superar e as aprendizagens que daí resultam.

2 Transição para o ensino superior: o caso dos estudantes provenientes dos PALOP

A transição para o Ensino Superior coloca um leque muito diversificado de desafios aos estudantes. Em boa verdade, os estudantes são confrontados, muitas vezes, com ambientes completamente diferentes daquele que conheceram durante as suas vidas anteriores, na escola secundária e junto da família. Para além da deslocação geográfica, as principais mudanças incidem nas dinâmicas de estudo e de aprendizagem, na responsabilização individual pelo seu próprio sucesso escolar (Duque, 2012), na relação pedagógica entre docentes e colegas, nas formas de avaliação, a que se vem somar ainda a própria transição biográfica para a vida adulta. Neste sentido, os estudantes ao ingressarem no Ensino Superior depararam-se com novas vivências sociais como o afastamento da família e dos amigos e, conseqüentemente, a necessidade de estabelecer novas relações que possam constituir-se como suporte social (Semedo, 2010).

Desta forma, os estudantes são confrontados com diversas e complexas tarefas que se inscrevem nos domínios pessoal, académico e social (Almeida, Ferreira, & Soares, 1999). O domínio pessoal contempla as características individuais de cada estudante, assim como os aspetos culturais e familiares que influenciam a sua forma de agir e de se organizar perante novos desafios. Ao transitar para o Ensino Superior, os estudantes adquirem liberdade e autonomia para gerir o seu tempo e, por vezes, os seus recursos económicos. Sendo assim, a entrada no Ensino Superior coloca “(...) desafios em termos de desenvolvimento pessoal e da identidade, apelando à construção de um sentido

de vida e de um sistema de valores suscetíveis de lidar com a complexidade e a decisão” (Almeida, 2007, p. 206). No processo de ensino-aprendizagem, a relação pedagógica entre docente-estudante não se cinge apenas à transmissão de conteúdos programáticos, porque envolve outras variáveis. Na realidade, as funções dos docentes não se limitam à transmissão de conhecimentos e as “atividades de preparação e manutenção de um ambiente promotor de uma aprendizagem ativa dos estudantes” (Brito, 2009, p. 23). E, por último, no domínio social é evidente o contributo da experiência académica no alargamento da rede de relações interpessoais aliado à maturidade no desenvolvimento de relações.

Se a transição dos estudantes nacionais para o Ensino Superior não está isenta de dificuldades, estas tendem a ser maiores para os estudantes provenientes dos PALOP. Em Portugal, são vários os estudos desenvolvidos em torno dos estudantes oriundos dos PALOP no Ensino Superior (Ferro, 2010; Figueiredo, 2005; Mourato, 2011; Vinagre, 2017), constituindo estes estudantes o grupo mais numeroso de estrangeiros que frequentam o ensino superior em Portugal (Pedreira, Roriz, & Duarte, 2013). Neste contexto, a política de cooperação e os regimes especiais de acesso ao Ensino Superior assumem, nitidamente, um papel relevante no aumento da mobilidade dos estudantes universitários, principalmente nos estudantes provenientes dos PALOP.

Para os estudantes dos PALOP, o primeiro ano do curso superior no qual ingressaram é um período crítico dado que implica adaptação e integração num novo ambiente. É certo que as pessoas que estudam longe dos seus países de origem podem apresentar dificuldades de adaptação à cultura do país de destino e ainda sentimentos de nostalgia, de desconforto ou desorientação (Duque, 2012). São, portanto, várias as dificuldades de transição, desenvolvimento e adaptação a um novo sistema de ensino e a um novo país.

Em boa verdade, os estudantes oriundos dos PALOP apresentam um amplo conjunto de desafios, nomeadamente desafios académicos (compreensão da língua, adaptação ao método de ensino), sociais (falta de estruturas de apoio institucionais), financeiros e, por último, ao nível da saúde (*stress*, depressão, ansiedade) (Santos & Almeida, 2001; Serra, 2007).

Na realidade, assume-se que os estudantes provenientes dos PALOP são “conhecedores” da cultura e da língua portuguesa (Cá, 2015; Casa-Nova, 2005), mas a verdade é que eles provêm de países muito distintos de Portugal, na medida em que têm práticas culturais, costumes, formação escolar, bases científicas e vivências escolares muito distintas das portuguesas (Ferro, 2010). Além disso, estes estudantes enfrentam, também, diversas dificuldades relacionadas com a aquisição de conhecimentos teórico-práticos do curso que frequentam (Figueiredo, 2005; Mourato, 2011).

A par disso, os estudantes dos PALOP deparam-se, frequentemente, com métodos de ensino para os quais nem sempre estão preparados. Na realidade, constata-se que existem diferenças significativas ao nível dos currículos do Ensino Secundário comparativamente com os que são lecionados em Portugal (Mourato, 2011). No contexto académico, a dificuldade e a quantidade de matéria a aprender, a necessidade de um grande número de horas de estudo, a

sensação de falta de tempo livre e ainda a avaliação contribuem para o aumento dos níveis de ansiedade dos estudantes (Brito, 2009). Assim, as dificuldades sentidas nas matérias e, por conseguinte, a falta de bases do Ensino Secundário são alguns dos desafios académicos com que os estudantes se confrontam logo no primeiro ano do Ensino Superior (Casanova & Almeida, 2016).

É certo que os períodos de transição representam, muitas vezes, situações de desequilíbrio, de descontinuidade, de ansiedade e de adaptação. No caso específico do Ensino Superior, o estudante necessita de se adaptar e de relacionar com novas pessoas e aprender novos métodos de ensino e de aprendizagem (Jardim, 2007). Por vezes, a complexidade e a dificuldade sentida em algumas matérias, bem como o ritmo e a intensidade do estudo exigido suscitam enormes preocupações aos estudantes. O desafio prende-se, precisamente, em saber “o que estudar”, “como estudar a fundo”, “por onde se deve pegar” (Vieira, Almeida, & Alves, 2013, p. 70). Ora, a transição para o ensino superior é, muitas vezes, acompanhada por uma mudança ao nível das estratégias pedagógicas, dos ritmos de trabalho e das relações com os docentes (Tavares et al., 2003). A este respeito, Serra (2007) afirma que a transição também pode ser desafiante, dado que exige a adoção de estratégias de trabalho e de organização diferentes das utilizadas no ensino secundário.

3 Metodologia e procedimentos metodológicos

Tendo por objetivo analisar as aprendizagens, os desafios académicos e as estratégias utilizadas pelos estudantes provenientes dos PALOP para os superar, recorreremos a uma metodologia qualitativa, especificamente a um conjunto de entrevistas de cariz biográfico aos estudantes dos PALOP. Para tal, foi utilizada uma amostra de conveniência dos estudantes dos PALOP matriculados no ano letivo de 2017/2018 nas três unidades orgânicas da Universidade de Lisboa com maior número de estudantes matriculados através do regime de acesso PALOP, nomeadamente a Faculdade de Direito (FD), Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) e Instituto Superior Técnico (IST). Foram ainda tidos em consideração o sexo, o país de origem e a área de formação (licenciatura/mestrado integrado) dos estudantes. Desta forma, foram entrevistados vinte e dois estudantes (doze homens e dez mulheres), com idades compreendidas entre os 18 anos e os 23 anos e de diferentes nacionalidades (dez da Guiné-Bissau, oito de Cabo Verde, quatro de Moçambique). Relativamente às áreas científicas, nove estudantes frequentam a licenciatura de Direito, três de Administração Pública, três de Relações Internacionais e os restantes em: Ciência Política, Engenharia Informática e de Computadores, Matemática aplicada e computação e Mestrado Integrado em Engenharia Física Tecnológica e Mestrado Integrado em Engenharia Aeroespacial.

Após a transcrição integral das entrevistas, foi efetuada uma análise de conteúdo temática (Bardin, 2009). É, neste contexto, que nos debruçaremos seguidamente sobre os principais resultados obtidos através da análise dos

discursos dos estudantes dos PALOP no que concerne à transição para o Ensino Superior em Portugal.

4 Aprendizagens, desafios e estratégias dos estudantes provenientes dos PALOP no ensino superior: análise dos resultados

A partir da análise do corpus empírico, iremos, de seguida, apresentar os principais resultados, nomeadamente: (i) as aprendizagens dos estudantes dos PALOP; (ii) os desafios académicos; e ainda (iii) as principais estratégias utilizadas pelos estudantes para superar os desafios.

4.1 O que aprenderam?

Para muitos estudantes, a entrada no Ensino Superior constitui, claramente, uma garantia de um futuro melhor que desencadeia novas aprendizagens. De facto, os estudantes realçam a aquisição de conhecimentos científicos obtidos na faculdade:

Hum, não sei, talvez o conhecimento. Sei lá! Ah, a nível de conhecimentos, olha, eu aprendi tanta coisa, mas tanta coisa, muita coisa. Eu estou sempre a aprender. Vou sempre à Faculdade, estou sempre a aprender. Aprendo, compreendo. Até a nível intelectual, que eu gosto sempre de estar a par das coisas. Isso me ajuda. Vou a um debate, estou sempre a participar, não fico para trás (E15, F, 19 anos, Guiné-Bissau, Relações Internacionais).

A par dos conhecimentos, os estudantes destacam a aquisição de novas competências académicas, como é o caso dos métodos de estudo:

Eu estava demasiado focada, não, desculpe, demasiado preocupada, estava sempre, sempre a estudar. Não é estudar muito, é saber o que estudar e como. Eu estudava demais, eu podia ficar sentada na secretária das 8 até às 23. Só parava para almoçar, lanchar e jantar ou ir à casa de banho. Só, mais nada! E eu descobri que o método não era esse. Eu ficava a assistir vários vídeos no youtube para tentar perceber as coisas, mas eu vi que no Técnico tu não vais encontrar o que eles dão, é completamente diferente! Eu peguei mais nas fichas que dão, nos slides (E14, F, 19 anos, Moçambique, Eng. Informática e de Computadores).

Diante da complexidade e a dificuldade sentida em algumas áreas científicas no Ensino Superior, o estudante necessita de aprender novos métodos de ensino e de aprendizagem (Jardim, 2007). Estes dados são consonantes com o estudo desenvolvido por Tavares e colaboradores (2003), em que a transição para o Ensino Superior implica uma mudança ao nível dos métodos de estudo e, conseqüentemente, dos ritmos de trabalho. Em termos de aprendizagens ou de ganhos académicos, alguns estudantes destacam a aquisição de novas competências e de ‘capacidades para pensar’:

Muita coisa, muita coisa mesmo. A minha forma de pensar também mudou muito. A minha forma de pensar mudou muito. A forma como eu obtenho a informação que me é dada. Ou seja, o meu cérebro está a ser educado. É isso! (E14, F, 19 anos, Moçambique, Eng. Informática e de Computadores).

O bom relacionamento com os colegas é, de igual modo, apontado pelos estudantes dos PALOP como uma aprendizagem fruto da transição para o Ensino Superior:

Agora estou a aprender a gostar a estar com mais pessoas. Eu acho que é ser mais social. Não é que eu não era, mas além da turma, além das pessoas ali que tu convives todos os dias podes conhecer mais, podes ir mais. Então é deixar de ser aquele social (E8, F, 19 anos, Guiné-Bissau, Direito).

Como resultado da transição para o Ensino Superior, os estudantes mencionam que adquiriam autonomia, independência e responsabilidade:

Mudou muita coisa! Tornei-me uma pessoa mais independente, mas gerir o meu dinheiro. Estou a fazer as minhas contas, não é, mas eu sei o que é que posso gastar. (...). Então, isso é independência. Eu ganhei uma certa independência cá. (...), se eu estou a gerir bem o meu dinheiro, eu posso ir para onde quero... A única independência que eu não tenho é que eu tenho o meu próprio dinheiro. Mas, eu vou chegar lá um dia (E1, F, 18 anos, Cabo Verde, Ciência Política).

A este respeito, a transição para o Ensino Superior representa, pois, um conjunto de desafios e de exigências que, por si só, colocam à prova os recursos e os níveis de maturidade dos estudantes (Almeida, 2007). E, por último, os estudantes destacaram os valores culturais enquanto aprendizagens no processo de transição para o Ensino Superior em Portugal:

Uma das coisas posso dizer que são os valores culturais. É o ponto mais forte para mim! Eu aprendi algo e estou a aprender algo muito bom que a cultura portuguesa, posso dizer que os portugueses são pessoas que não fogem daquilo que é a sua cultura. Amam a sua cultura. E aquilo cria-me incentivo de fazer o mesmo com o que é a minha cultura. Então, para mim uma das coisas que eu aprendi cá em Portugal é que nunca devemos fugir daquilo que nós realmente somos. Se tu és algo, tens que sempre manter-te fiel àquilo que tu és. Isto é uma coisa que eu um dia tenciono levar para a vida toda. É uma coisa que eu aprendi! (E13, F, 19 anos, Moçambique, Administração Pública).

De uma forma geral, é possível verificar através do discurso dos estudantes em torno das aprendizagens adquiridas em contexto académico manifestações de felicidade e de alegria que, por sua vez, refletem a adaptação e integração à universidade.

4.2 Desafios académicos encontrados pelos estudantes dos PALOP

Como vimos anteriormente, os estudantes provenientes dos PALOP ao chegarem a Portugal deparam-se com inúmeros desafios. Ora, em primeiro lugar, os estudantes são confrontados com um sistema de ensino muito exigente e completamente diferente dos seus países de origem.

A diferença [do sistema de ensino] é que acho que a maior parte das pessoas que vêm da África, a diferença é essa (E6, M, 22 anos, Guiné-Bissau, Direito).

Estes dados são consonantes com as investigações desenvolvidas por Brito (2009) e Ferro (2010) em que o nível de ensino dos PALOP aliado à desarticulação entre o sistema de Ensino Secundário dos PALOP e o sistema do Ensino Superior em Portugal, são alguns dos fatores que podem desencadear dificuldades nos estudantes dos PALOP.

Outro dos desafios com os quais os estudantes dos PALOP se deparam prende-se com o fraco domínio da língua portuguesa. Alguns estudantes manifestam dificuldades relativamente à forma como a língua portuguesa é falada em Portugal. Revelam ainda que, no início, sentiram algum tipo de dificuldade em entender o discurso dos docentes e até dos próprios colegas devido à velocidade com que estes falavam e até do tipo de linguagem utilizado.

É nós falamos a língua portuguesa, mas é uma coisa bem mais lenta. Eu acho! Eu cheguei e eu achava que eles estavam a cantar porque foi bué rápido. Eu tive esta dificuldade de “ah, tu tens que prestar mais atenção”. Agora já estou a me habituar. Mas, era uma coisa, era uma dificuldade de detetar as palavras porque era uma coisa bué rápida. Falavam bué rápido (E8, F, 19 anos, Guiné-Bissau, Direito).

Na realidade, os resultados de várias investigações corroboram que os estudantes dos PALOP sentem dificuldades no entendimento da língua portuguesa e, por isso, tal constitui um obstáculo à socialização e ao sucesso académico (Cá, 2015; Casa-Nova, 2005). A par deste confronto com um sistema de ensino diferente, alguns estudantes acedem ao Ensino Superior com algumas lacunas na sua formação académica anterior (Casanova & Almeida, 2016; Ferro, 2010), o que poderá dificultar o aproveitamento académico e, quiçá, o seu sucesso académico. De uma forma geral, os estudantes sentem que a preparação escolar obtida nos seus países de origem pode ser insuficiente para o sistema de ensino em Portugal, nomeadamente a falta de bases em

determinadas áreas. Neste contexto, a falta de conhecimentos consistentes de base, em particular o desconhecimento da história de Portugal, entendida como fundamental para algumas unidades curriculares, condiciona, de alguma forma, o aproveitamento académico dos estudantes:

As principais dificuldades são, principalmente, História Portuguesa. Não conheço toda a História Portuguesa, então é um bocado complicado, como o meu curso sempre vai remeter-se à História. Eles fazem referências, a Revolução de 1820 e eu não sei nada destas revoluções, nem destas coisas. Então, é um acréscimo na minha licenciatura porque eu tenho que estudar, estudar que é para entender outras coisas porque eu é que escolhi vir para Portugal, eu é que tenho que correr atrás, não são eles é que têm que ficar a dizer-me aquelas coisas, tipo “ah, eu não sei a História de Portugal? Ah, então, vem que eu vou-te ensinar (E1, F, 18 anos, Cabo Verde, Ciência Política).

Além disto, os estudantes têm dificuldades em determinadas áreas científicas. Desta forma, a complexidade de algumas unidades curriculares representa um desafio relevante que estes estudantes têm que superar no percurso académico:

A única dificuldade que é Teorias Geral, é um pouco complexo. Até agora eu tenho dificuldade em termos de perceber. É a dificuldade que não consigo ultrapassar (E5, M, 22 anos, Guiné-Bissau, Direito).

No âmbito dos desafios, alguns estudantes realçam a desorientação e a falta de apoio institucional, nomeadamente o desconhecimento do espaço académico e a falta de informação. Nesta ausência de apoio institucional, os estudantes destacam ainda a dificuldade em pesquisar as matérias, de completar os trabalhos académicos e organizar as suas atividades de estudo.

Desde que cheguei cá, precisei de orientações, mas não tive, não tive ninguém, não teve cá ninguém (...) não tive orientação de ninguém e isso desorientou-me um pouco. Não só na forma de pesquisar as matérias, de organizar também, por aí, de responder e tudo mais (E6, M, 22 anos, Guiné-Bissau, Direito).

Estes dados são concordantes com a investigação levada a cabo por Jorge e Ferreira (2007), em que os estudantes quando ingressam no Ensino Superior deparam-se com algumas exigências e desafios acrescidos, particularmente a desorientação. Desta forma, as principais dificuldades dos estudantes prendem-se maioritariamente com o domínio das aprendizagens e sucesso académico. Vários estudantes experienciam dificuldades na sua transição e adaptação ao Ensino Superior. Por exemplo, desafios académicos - desconhecimento da forma como se organizam as atividades letivas e como se

avaliam os conhecimentos, a tipologia de aulas diferente do Ensino Secundário, as aulas sem recurso a um manual, a gestão do tempo de estudo, entre outros (Casanova & Almeida, 2016). Na realidade, a investigação desenvolvida por Ferro (2010) também corrobora esta ideia ao afirmar que os estudantes dos PALOP chegam ao Ensino Superior em Portugal “habituaados a esquemas de ensino/aprendizagem bastante diferentes daquilo que se considera a norma ou a cultura de ensino típica em Portugal” (p. 136).

E, por fim, alguns estudantes ainda mencionaram sentir algum preconceito em contexto académico. O seguinte testemunho evidencia o preconceito associado à cor da pele demonstrado pelos colegas de turma:

Foi muito difícil, posso dizer que foram os piores dias da minha vida. Piores dias da minha vida. Não conhecia ninguém, ninguém falava comigo. Eu falava, mas não falavam comigo. Ah, eu chegava cá, eu tinha aulas às 8h, saía de casa das 7h às 18h e nesse período estava sempre sozinha. Sempre sozinha! Comia sozinha, estudava sozinha, era tudo sozinha. Foi muito, foram três semanas, três semanas que eu estava cá sozinha porque eu ainda não os conhecia [amigos africanos]. Eu nunca tinha ficado deprimida na minha vida, mas essas três semanas foram horríveis. Horríveis, mesmo (E14, F, 19 anos, Moçambique, Eng. Informática e de Computadores.

De facto, este testemunho evidencia que os estudantes vivenciam algum preconceito em contexto académico. A verdade é que já a investigação desenvolvida por Vinagre (2017) tinha demonstrado que os estudantes dos PALOP vivenciam uma rejeição dos colegas portugueses, entendida como o resultado de preconceito. Estas formas de preconceito podem conduzir, inevitavelmente, a sentimentos que desconfortam e confundem os estudantes dos PALOP no Ensino Superior, tais como depressão, vergonha (Azevedo & Faria, 2001), ansiedade e isolamento (Casanova & Almeida, 2016).

4.3 Estratégias utilizadas pelos estudantes dos PALOP para superar os desafios académicos

Como vimos, no ponto anterior, no decorrer da transição para o Ensino Superior em Portugal os estudantes provenientes dos PALOP deparam-se com alguns desafios académicos. Iremos de seguida apresentar as estratégias utilizadas para superar esses desafios. Em primeiro lugar, os estudantes mencionam o esclarecimento de dúvidas com os colegas de turma:

E também uma coisa que eu acho que é estudar com essa minha amiga X (nome aluna). Como ela é portuguesa, ela é muito inteligente e acabou por me ajudar. Porque ela tem uma boa base e acaba por passar as informações (E15, F, 19 anos, Guiné-Bissau, Relações Internacionais).

No âmbito das estratégias de aprendizagem, alguns estudantes destacam o forte apoio e o espírito de entreajuda dos colegas africanos:

O xxx (nome do colega africano) estava sempre ali comigo. E ele me passou os apontamentos e me mostrou “tens que estudar assim: saís das aulas teóricas, pegas já na matéria e estudas porque a aula prática seguinte vai ser sobre o que tu deste nas aulas teóricas”. Então, era isto! Eu saio, estudo e ele me mostrou isto. E é isto que é para continuar (E8, M, 19 anos, Guiné-Bissau, Direito).

Os estudantes ressalvam a participação nas aulas como forma de compreender a matéria exposta pelo docente:

Agora estou a me enquadrar mais, estou a participar nas aulas, estou a perceber a matéria. Já tenho amigos, muitos. E de certo modo percebi que agora, não sei, mas sinto-me mais confortável, consigo mais falar com as pessoas, expressar mais as minhas dúvidas, estás a ver? E isso, de certo modo, ajuda-me, alivia-me um pouco. (...). Eu respondo mais às questões que os professores vão colocando do que colocar mais questões, e tudo mais (E6, M, 22 anos, Guiné-Bissau, Direito).

Face à pressão e à intensidade do estudo exigido no Ensino Superior em Portugal, os estudantes tiveram de se adaptar a novas práticas pedagógicas e, por isso, adotaram novas rotinas de estudo:

Estudar, mas ler muito mesmo. Não há outra saída, eh pá. E estou a fazer isso. Leio bastante para melhorar e está a resultar. Estudar mais no sentido de aperfeiçoar mais a língua e conter mais a matéria e essas coisas aí (E6, M, 22 anos, Guiné-Bissau, Direito).

E, na realidade, a leitura constitui uma estratégia tanto para aperfeiçoar a língua portuguesa, como para compreender a matéria. A revisão diária dos conteúdos programáticos é apontada pelos estudantes como uma estratégia de superar as dificuldades, de aprender sobre um determinado assunto e de acompanhar a matéria ao longo do ano:

Eu chego cá de manhã às 9 h e saio à 13h. (...) fico cá até às 22h, fico até a biblioteca fechar e vou para casa. Chego a casa, pego no jantar e [vou] descansar. Acordo às 5h da manhã, faço uma recapitulação do meu estudo para preparar-me para as aulas e depois venho para cá. É assim que eu costumo estudar! (E5, M, 22 anos, Guiné-Bissau, Direito).

Por fim, os estudantes ressaltam a estratégia de aprendizagem através da comunicação com os seus familiares e amigos. Acresce ainda a pesquisa de informação na biblioteca ou até na internet como estratégia de compreenderem melhor os conteúdos programáticos das unidades curriculares:

Eu sempre recorro aos meus pais, às vezes, eles explicam-me as coisas. E sempre vou para a internet. E tenho amigos, também que me explicam muitas destas coisas. Então, consigo (E1, F, 18 anos, Cabo Verde, Ciência Política).

Estas são, de facto, algumas das estratégias que os estudantes utilizam para adquirir conhecimentos e aprendizagens e ainda superar alguns desafios. Na realidade, a adoção e utilização de estratégias de estudo influencia, segundo Tavares et al. (2003), a aprendizagem e o sucesso académico dos estudantes.

5 Considerações finais

A transição para o Ensino Superior pode ser considerada como a concretização de um sonho e, ao mesmo tempo, uma etapa de novidades e desafios (Araújo et al., 2016), a saber: a separação da família e dos amigos; a adaptação a um conjunto de tarefas e exigências pessoais, sociais e até académicas, que têm implicações não só na satisfação académica, como no sucesso académico dos estudantes (Soares, Pinheiro, & Canavarro, 2015; Seco, 2005). Neste contexto, a transição para o Ensino Superior comporta diversas situações de mudança: uma transição no sistema educativo, uma mudança de residência, a mudança de um curso ou até mesmo a repetição de um ano.

Se é certo que a entrada no Ensino Superior consiste numa etapa muito importante na vida dos estudantes, não podemos deixar de considerar que esta transição pode, simultaneamente, desencadear dificuldades de adaptação ao novo contexto e, quiçá, insucesso académico. Em boa verdade, o estudante ao entrar no Ensino Superior é confrontado com um leque de desafios, inerentes à vida académica, que irão influenciar a sua transição da adolescência para a vida adulta. Desafios estes que se prendem com a adaptação à instituição e ao curso de Ensino Superior, as relações interpessoais estabelecidas com os colegas e professores e até o nível de exigência académico. Acresce ainda a saída de casa dos familiares e, por conseguinte, o afastamento dos familiares e amigos, as exigências pessoais relativamente à gestão do tempo e do dinheiro, das perspetivas de carreira, as aprendizagens e oportunidades de formação, entre outros (Freitas, Raposo, & Almeida, 2007).

Na realidade, os aspetos da transição são comuns a todos os estudantes, contudo, aos estudantes provenientes dos PALOP acresce a inserção numa determinada cultura, num sistema de ensino diferente, entre outros. As principais considerações finais indicam que os estudantes atribuem valor às aprendizagens realizadas, especificamente os conhecimentos científicos, novas competências em termos de métodos de estudo, novas sociabilidades e

ainda autonomia e independência face aos pais. Assim, a transição para o Ensino Superior constitui-se como fundamental para a aquisição de liberdade dos estudantes e, simultaneamente, para o desenvolvimento de autonomia de forma a gerirem o seu tempo. Por outro lado, no processo de transição para o Ensino Superior os estudantes são confrontados com alguns desafios, a saber: um sistema de ensino diferente (Brito, 2009; Ferro, 2010), a constatação de um fraco domínio da língua portuguesa (Cá, 2015; Casa-Nova, 2005), a ausência de estruturas de apoio. Diante destes desafios, os estudantes adquirem e desenvolvem algumas estratégias de estudo, tais como a revisão diária da matéria, novas rotinas de estudo, esclarecimento de dúvidas, participação nas aulas e ainda pesquisa de informação junto de familiares e de amigos.

Desta forma, é crucial colocarmos a problemática da transição para o Ensino Superior, em particular dos estudantes provenientes dos PALOP no topo da investigação para que se aprofundem estas e outras questões, na medida em que se trata de uma mudança complexa e intensa para estes estudantes.

Agradecimentos

Este trabalho foi elaborado com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) através de uma bolsa individual de doutoramento com a referência - SFRH/BD/120463/2016.

Referências bibliográficas

- Almeida, Leandro S., Soares, Ana Paula, & Ferreira, Joaquim (1999). *Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes no ensino superior: construção/validação do questionário de vivências académicas*. Braga: Universidade do Minho.
- Almeida, Leandro S. (2007). Transição. Adaptação académica e êxito escolar no Ensino Superior. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 15(2), 203-215.
- Araújo, Alexandra M., Santos, Acácia A., Noronha, Ana Paula, Zanon, Cristian, Ferreira, Joaquim Armando, Casanova, Joana R., & Almeida, Leandro S. (2016). Dificuldades antecipadas de adaptação ao ensino superior: um estudo com alunos do primeiro ano. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 3(2), 102-111.
- Azevedo, Ângela S. & Faria, Luísa (2001). Impacto das condições pessoais e contextuais na transição do ensino secundário para o ensino superior. *Revista da Universidade Fernando Pessoa*, 6, 257-270. Consultado em https://sigarra.up.pt/fpceup/en/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=82902&pi_pub_r1_id=

- Barbier, Jean-Marie (1996). De l'usage de la notion d'identité en recherche, notamment dans le domaine de la formation. *Éducation Permanente*, 128 (3), 11-26.
- Bardin, Laurence (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brito, Vandira (2009). *Vivências Adaptativas e desempenho académico dos estudantes Cabo-Verdianos da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra. Consultado em <http://www.portaldodoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/77/1/2009%20VANDIRA%20FERNANDES%20ROCHA%20BRITO.pdf>.
- Cá, Wilson (2015). *A Experiência de Integração Escolar dos Estudantes Guineenses em Portugal: O caso dos Estudantes do 1º Ciclo no ISCTE*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa. Consultado em <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/10803/1/Tese%20Final%20WILSONx.pdf>.
- Casa-Nova, Maria José (2005). (I)migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspetivas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 13(47), 181-216. Consultado em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7886/1/%28I%29%20Migrantes%2c%20diversidades.pdf>
- Casanova, Joana R. & Almeida, Leandro S. (2016). Dificuldades antecipadas pelos estudantes na transição para o ensino superior. In Joana R. Casanova, Cynthia Bisinoto & Leandro S. Almeida (Eds.), *Livro de Atas do IV Seminário Internacional Cognição, Aprendizagem e Desempenho* (pp. 226-234). Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd).
- Dubar, Claude (1997). *A Socialização. Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Duque, Eduardo (2012). Representações e expetativas dos estudantes universitários dos PALOP. In APS (Org.), *Sociedade, crise e reconfigurações. Actas do VII Congresso Português de Sociologia*, Porto: Universidade do Porto. Consultado em http://historico.aps.pt/vii_congresso/papers/ finais/PAP1384_ed.pdf.
- Ferro, Maria Jorge (2010). *Teoria crítica e aconselhamento: para uma intervenção multicultural com os estudantes da cooperação na Universidade de Coimbra*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra. Consultado em https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/14536/3/Tese%20doutoramento_MariaJorgeFerro.pdf.
- Figueiredo, Maria (2005). *Estudantes dos PALOP na Universidade de Évora: do levantamento das dificuldades e necessidades à procura de soluções*. Dissertação de Mestrado Évora: Universidade de Évora. Consultado em <http://rdpc.uevora.pt/handle/10174/15631>

- Freitas, Helena, Raposo, Nicolau, & Almeida, Leandro S. (2007). Adaptação do estudante ao ensino superior e rendimento académico: Um estudo com estudantes do primeiro ano de enfermagem. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(1), 179-188.
- Jardim, Manuel Jacinto (2007). *Programa de Desenvolvimento de Competências Pessoais e Sociais: Estudo para a promoção do Sucesso Académico*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro. Consultado em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1107/1/2008001310.pdf>.
- Jorge, Andreia & Ferreira, Joaquim Armando (2007) Transição de alunos surdos para o ensino superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41-3, 335-357. Consultado em <http://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1221/669>.
- Mourato, Isabel (2011). *A Política de Cooperação Portuguesa com os PALOP: contributos do Ensino Superior Politécnico*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Consultado em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1443/1/coopera%C3%A7%C3%A3o%20portuguesa%20com%20os%20PALOP.pdf>.
- Pedreira, Isabel, Roriz, Cláudia, & Duarte, Joana (2013). *Os estudantes estrangeiros provenientes de países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa no ensino superior em Portugal: contributos para uma caracterização*. Lisboa: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência.
- Santos, Luísa, & Almeida, Leandro S. (2001). Vivências académicas e rendimento escolar: estudo com alunos universitários do 1.º ano. *Análise Psicológica*, 19(2), 205-217. Consultado em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v19n2/v19n2a01.pdf>
- Soares, Andreia M., Pinheiro, Maria do Rosário & Canavarro, José Manuel R. (2015). Transição e adaptação ao ensino superior e a demanda pelo sucesso nas instituições portuguesas. *Psychologica*, 58(2), 97-116. Consultado em <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/39219/1/Transi%C3%A7%C3%A3o%20e%20adapta%C3%A7%C3%A3o%20ao%20ensino%20superior%20e%20a%20demanda%20pelo%20sucesso%20nas%20institui%C3%A7%C3%B5es%20portuguesas.pdf>.
- Seco, Graça (Coord.) (2005). *Para uma abordagem psicológica da transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior: pontes e alçapões*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria
- Semedo, Maria dos Anjos (2010). *Emoções mistas: integração social e académica dos alunos provenientes dos PALOP*. Dissertação de Mestrado. Lisboa:

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Consultado em: <https://core.ac.uk/download/pdf/48575699.pdf>.

Serra, Adriano Vaz (2007). *O stress na vida de todos os dias*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Tavares, José, Bessa, José, Almeida, Leandro S., Medeiros, Maria Teresa, Peixoto, Ermelindo, & Ferreira, Joaquim Armando (2003). Atitudes e estratégias de aprendizagem em estudantes do Ensino Superior: Estudo na Universidade dos Açores. *Análise Psicológica*, 4 (XXI), 475-484. Consultado em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v21n4/v21n4a06.pdf>.

Vieira, Maria Manuel, Almeida, Ana Nunes, & Alves, Natália (2013). Ponto de chegada ou (novo) ponto de partida? Entrada na universidade, experiência estudantil e dilemas da individuação. In Ana Nunes Almeida (Coord.), *Sucesso, insucesso e abandono na Universidade de Lisboa: cenários e percursos* (pp. 53-91). Lisboa: EDUCA.

Vinagre, Vitor (2017). Ser Estudante dos PALOP na Universidade do Algarve: uma abordagem a partir de histórias de vida. Dissertação de Mestrado. Faro: Universidade do Algarve. Consultado em <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/9966/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>.